

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA BARRA DA TIJUCA A PARTIR DAS OLIMPIADAS DE 2016

Aluno: Marcus Pianura
Orientador: Alvaro Ferreira

Introdução

Não é novidade que, já há algumas décadas, o bairro da Barra da Tijuca, importante bairro de classe média situado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, e o seu entorno têm sido área preferencial para a expansão e espraiamento da área nobre cidade. Podemos lembrar, por exemplo, que o Elevado do Joá teve sua construção iniciada na década de 1960; o Plano Piloto, do arquiteto Lúcio Costa, data do início da década de 1970, assim como antigos condomínios, como o Novo Leblon. No entanto, mais atualmente, no contexto dos Jogos Olímpicos, a área tem recebido novamente pesados investimentos, tanto públicos quanto privados.

As transformações espaciais promovidas recentemente na cidade do Rio de Janeiro, quase inteiramente para atender as Olimpíadas de 2016, privilegiaram em muito o bairro da Barra da Tijuca, escolhida para abrigar importantes instalações e concentrando a maioria dos recursos, como indicam Bienenstein et al [2] e Cosentino [4]. Dentre as obras e investimentos levados a cabo no período que precedeu a realização dos Jogos, podemos ressaltar a implementação das linhas de Bus Rapid Transit (BRT) junto com a ampliação do Terminal Alvorada, a duplicação do Elevado do Joá, a inauguração da Linha 4 do Metrô e a construção de importantes instalações olímpicas no bairro e no entorno, como o Parque Olímpico, a Vila dos Atletas e o Campo de Golfe Olímpico, além dos diversos empreendimentos imobiliários lançados ao longo dos anos. Tendo como propulsor a realização dos Jogos Olímpicos de 2016, incorporadores imobiliários passaram a atuar sobremaneira na produção do espaço dedicado a uma parcela de cidadãos privilegiados. A atuação do capital imobiliário, de natureza financeira, na Barra da Tijuca, com a construção de hotéis, prédios corporativos, shopping centers e condomínios de classe média e média-alta, se apresenta como um produto do domínio da lógica econômica na produção do espaço da cidade, assim como condição e meio para a realização do lucro, ou seja, para a reprodução ampliada do capital investido [3]. Ainda, a opção do poder público e dos atores privados pela Barra da Tijuca revela o objetivo de consolidar o local como um segundo centro de negócios na cidade e um novo local de moradia para as classes média, média-alta e rica [2][4] enquanto acirra ainda mais as desigualdades espaciais.

Se a expansão e valorização imobiliária no Bairro da Barra da Tijuca não é um fenômeno novo, tampouco é o uso do urbanismo olímpico como uma ferramenta de remodelagem do espaço urbano. O modelo Barcelona, modelo que se tornou bastante paradigmático, de revitalização urbana de áreas degradadas e a promoção de uma imagem da cidade associada aos megaeventos esportivos, aliás, já foi bastante reproduzido, como mostra Ferreira [5]. Para Vainer [8], os Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro, no entanto, figuram apenas como o desenlace de uma trajetória de quase duas décadas de um eficiente consenso político. Acompanhado de perto pela consultoria catalã, o primeiro Plano Estratégico da cidade foi concebido durante o primeiro mandato do ex-prefeito Cesar Maia, de 1993 a 1996. Se desde a

década de 1990 o projeto havia sido idealizado, a realização dos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro, como alguns autores enfatizam, apenas foi possível graças a força política que a inédita coalizão entre as três escalas do poder estatal, ou melhor, entre a União, o estado e o município, mobilizou durante o mandato do ex-prefeito Eduardo Paes, de 2009 a 2016 [2][5][6]. Tendo ascendido na política como subprefeito da Região Administrativa da Barra da Tijuca, a gestão Paes representa, ainda, o sucesso de uma outra coalizão: a da prefeitura com os empreendedores do bairro. Como aponta Cosentino [4], grandes proprietários de terras do bairro e construtoras locais foram imensamente beneficiados. Entre eles, destaca-se Carlos Carvalho, proprietário da maioria dos lotes no centro metropolitano da construtora Carvalho Hosken, e a família Mauro, proprietários dos terrenos limítrofes ao Campo Olímpico de Golfe e da construtora RJZ Cyrella.

A noção de Planejamento Estratégico é importante para entender a natureza das transformações espaciais na cidade. A ideia surge como um renovado instrumento de gestão empresarial nas mais renomadas escolas de negócios dos Estados Unidos, sobretudo a Harvard Business School [7]. A gestão estratégica de empresas prega a flexibilidade e a capacidade de responder rapidamente às ameaças e oportunidades. Tal noção foi rapidamente transplantada para a administração pública, visto que, na visão dos técnicos, a cidade e a empresa estariam submetidas aos mesmos desafios – impostos pelo mercado. Muito mais do que apenas promover uma renovação do quadro técnico na administração pública, o planejamento estratégico traz uma nova racionalidade. Se a cidade, tornada em discurso sujeito da ação, assim como uma empresa é pensada, precisa responder de maneira rápida e flexível às oportunidades e desafios para o seu desenvolvimento, elimina-se as diversas disputas que, naturalmente, possam haver no complexo conjunto de interesses que coexistem no seio da sociedade [7]. Assim, a cidade, a partir da noção do Planejamento Estratégico, torna-se a cidade dos processos sem transparência, das decisões *ad hoc*, do regime de exceção e das elites políticas e econômicas locais [8].

Tendo como propulsor e discurso legitimador a realização dos Jogos, acreditamos que a prefeitura do Rio de Janeiro viabilizou a intensificação do processo de valorização do solo no bairro da Barra da Tijuca e no entorno, estimulando a apropriação privada do espaço da cidade, ao passo que já é possível verificar lançamentos imobiliários bastante luxuosos e indícios de aumento do preço do solo nos bairros; o condomínio construído no terreno limítrofe ao Campo Olímpico de Golfe, o Riserva Golf – Vista Mare Residenziale, conta com apartamentos que variam entre R\$ 4,5 e R\$ 12 milhões, além das coberturas, que podem chegar a custar R\$ 20 milhões – o metro quadrado dos apartamentos está sendo negociado por R\$ 17 mil, ao passo que a média do bairro fica em torno de R\$ 10 mil por metro quadrado.

Objetivos

As cidades, enquanto pontos chave na imbricada rede de fluxos globais, sejam de informações, cultura, pessoas ou capitais, e escala de ação privilegiada para gestores públicos e privados no país desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, passam cada vez mais a serem planejadas e geridas de maneira estratégica, isto é, direcionadas a atração de investimentos e de cidadãos com elevado padrão de consumo [1]. A prefeitura do Rio de Janeiro teve o primeiro plano estratégico para a cidade elaborado durante o primeiro mandato do ex-prefeito Cesar Maia, de 1993 a 1996, tendo como referência o modelo que se afirmava como novo paradigma de desenvolvimento urbano: o modelo Barcelona, que se tornava reconhecido no cenário global através do exitoso projeto de revitalização urbana e de projeção global, com a visibilidade gerada pelos megaeventos sediados, como as Olimpíadas de 1992 e o *Fórum de las Culturas*, realizado em 2004 [5]. A partir desse plano, foram lançadas as bases

do projeto para a cidade do Rio de Janeiro que pautou constantemente a gestão do município, cuja trajetória culminou com a realização dos Jogos Olímpicos de 2016.

Arantes *et al* [1] destacam que o receituário neoliberal difundido por instituições multilaterais e consultorias internacionais, e que prega, principalmente, a abertura irrestrita ao mercado, orienta a produção do espaço da cidade para a criação de novas oportunidades de investimentos lucrativos. Carlos [3] observa um domínio da lógica de mercado no processo de urbanização que se desenvolve atualmente nas cidades, intensificada pela atuação do capital financeiro. O objetivo dessa pesquisa, portanto, é analisar as transformações espaciais promovidas no bairro da Barra da Tijuca e nos bairros do entorno no contexto das Olimpíadas de 2016. Nesse contexto, questionamos: que processos, considerando as múltiplas dimensões e escalas, estão envolvidos na produção do espaço voltado para a realização dos Jogos Olímpicos de 2016, levando em conta a grande concentração de instalações esportivas e investimentos em infraestrutura urbana nos bairros da Barra da Tijuca e do entorno? Quais são os impactos dessa concentração?

Metodologia

Pretendemos aprofundar a discussão iniciada nesse resumo acerca da natureza das recentes transformações espaciais na cidade, identificando e analisando as transformações espaciais promovidas no bairro da Barra da Tijuca e no entorno no contexto das Olimpíadas de 2016, tais como a construção de diversas instalações olímpicas e os melhoramentos e obras de infraestrutura urbana, com ênfase na localidade conhecida atualmente como Barra Olímpica, verificada a concentração de instalações olímpicas e empreendimentos na área, abordando questões como remoções, verticalização, valorização imobiliária, entre outras. A partir disso, analisar as rupturas e continuidades do projeto olímpico, a partir dos planos estratégicos da cidade, com a urbanização da Barra da Tijuca e os bairros do entorno, contextualizando o processo de urbanização da Baixada de Jacarepaguá, enfatizando as características e especificidades do bairro da Barra da Tijuca e dos bairros do entorno e abordando os diversos atores envolvidos na produção do espaço, assim como suas relações multiescalares.

Considerações Finais

Acreditamos que a opção do poder público e dos atores privados pela Barra da Tijuca acirra ainda mais as desigualdades espaciais, questão de grande importância no contexto da cidade do Rio de Janeiro, notoriamente pautado por desigualdades de diversas naturezas, e, portanto, essencial para se pensar a produção da cidade com mais justiça social. Isto posto, nosso trabalho pretende ser um importante subsídio para a elaboração de políticas públicas que busquem equalizar o tecido urbano e social da cidade.

Referências

- 1 – ARANTES, O. et al. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- 2 – BIENENSTEIN, G. et al. The 2016 Olympiad in Rio de Janeiro: Who Can/Could/Will Beat Whom?. **Esporte e Sociedade**. [S.l.], v. 7, n. 19, p. 1-19, mar. 2012.
- 3 – CARLOS, A. F. A. et al (ORGs). **A cidade como negócio**. São Paulo: Contexto, 2015.
- 4 – COSENTINO, R. Olimpíadas da Barra da Tijuca: a construção de uma nova centralidade no Rio de Janeiro. In: VAINER, C. et al (Orgs). **Os megaeventos e a cidade**: perspectivas críticas. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

- 5 – FERREIRA, A. **A cidade no século XXI**: segregação e banalização do espaço. 2 ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2013.
- 6 – MASCARENHAS, G. Natureza e Tensões do Urbanismo Olímpico. In: OLIVEIRA, F. J. G. et al (Orgs). **Geografia Urbana**: ciência e ação política. 1 ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.
- 7 – NOVAES, P. **Uma estratégia chamada “planejamento estratégico”**: deslocamentos espaciais e a atribuição de sentidos na teoria do planejamento urbano. 1 ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.
- 8 – VAINER, C. Megaeventos, Cidade de Exceção e Democracia Direta do Capital: Reflexões a partir do Rio de Janeiro. In: VAINER, C. et al (Orgs). **Os megaeventos e a cidade**: perspectivas críticas. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.